Versão *On-line* ISBN 978-85-8015-076-6
Cadernos PDE

VOLUME I

OS DESAFIOS DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE NA PERSPECTIVA DO PROFESSOR PDE

2013

Artigos

PARANÁ
GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Educação

ARTE - A ESSÊNCIA PELA EXPERIÊNCIA![1]

Marlene Rampanelli[2]

Eglecy Lippmann

Resumo

O conhecimento da Arte apresenta-se com eficiência na possibilidade de ampliação de perspectivas para compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente. Estimula o desenvolvimento do pensamento crítico; promove a criatividade e o senso estético; possibilita a análise de estilos e procedimentos; proporciona conhecimento histórico (fatos e ideologias); contribui para o desenvolvimento cognitivo, afetivo e social; é meio de expressão e comunicação; tem uma função social: educar para transformar a realidade humana-social; e está em busca constante do equilíbrio entre refletir, criar e produzir, elementos estes indissociáveis tendo a flexibilidade como condição fundamental para realização do processo de ensino/aprendizagem. Nesta compreensão, subsidiados no referencial teórico principalmente de Duarte Jr, oferecemos aos professores de outras disciplinas, a oportunidade de conhecer a importância da arte, objetivando destacar seu papel na educação, como elemento fundamental na formação do individuo, salientando a importante contribuição cultural presente na arte, desde o início das civilizações. Esta prática deu-se por meio de um curso com os professores das escolas da rede estadual de ensino, no município de Realeza-PR.

Palavras-chave: Arte. Formação. Transformação.

1- Introdução

Analisar a importância do ensino da Arte na escola é árduo exercício em nosso contexto educacional uma vez que esta disciplina é tratada como “sem importância” frente às demais áreas conceituais que equivocadamente são consideradas como de maior relevância para a formação do indivíduo (basta verificar o espaço curricular que as áreas de conhecimento ocupam na sua distribuição no cronograma semanal). Quando aprendemos, criamos um esquema de significados que nos permite interpretar nossa situação no mundo e desenvolver nossa ação numa certa direção, pois, não há conhecimento sem símbolos; nisto está implícita a arte. Neste sentido nos reporta Duarte (1988):

---

[1]Projeto de Intervenção Pedagógica desenvolvida junto ao Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), durante o período de 2013-2014, sob orientação da Professora Ms.Eglecy Lippmann (UNICENTRO, Campus de Guarapuava-PR).

[2]Professora de Arte da Rede Estadual de Educação do Estado do Paraná e Professora PDE (turma 20123-2014). Graduada pela FEMP- Faculdade de Educação Musical do Paraná e Pós-Graduada em Arte Educação pela FAP – Faculdade de Arte do Paraná. E-mail: marlene@rampanelli.com.br.

> Uma ponte que nos leva a conhecer e a expressar os sentimentos é, então, a arte, e a forma de nossa consciência apreendê-los é através da experiência estética. Na arte busca-se concretizar os sentimentos numa forma, que a consciência capta de maneira mais global e abrangente do que no pensamento rotineiro. (DUARTE, 2000, p.16).

Assim, conceituamos a arte como forma de conhecimento humano, e acima de tudo, como ela se constitui num importante elemento educativo, promovendo o desenvolvimento dos alunos uma vez que amplia seus conhecimentos de si mesmo e de mundo, calcados numa dimensão do sensível.

Para Vygotski (1999), a arte é um mecanismo psicológico permanente e indispensável de superação dos estímulos quando afirma.

> As emoções, não realizadas na vida, encontram vazão e expressão na combinação arbitrária dos elementos da realidade, antes de tudo na arte. A arte não só dá vazão e expressão a emoções várias como sempre as resolve e liberta o psiquismo da sua influência obscura. A criação artística é uma necessidade profunda do nosso psiquismo em termos de sublimação de algumas modalidades de energia. (VYGOTSKI, 1999, p. 14).

Enquanto alguns valorizam a palavra como forma de comunicação que, é importante lembrar que assim como aprendemos a ler as palavras, também podemos fazer leituras de imagens, de sons, composições, movimentos, para melhorar nossa compreensão de mundo, construir conhecimentos, aprender sobre diferentes culturas, por meio das diferentes linguagens da Arte, como a Dança, a Música, as Artes Cênicas ou Visuais. Há que se considerar, que diferentemente do signo linguístico, que é aleatório a natureza humana, a arte, por sua inerência a esta essência, manifesta-se desde os primórdios tanto da vida da humanidade quanto da vida do individuo.

A ausência da compreensão acerca da Arte gera um preconceito que faz com que muitos não atribuam o seu devido valor ao seu ensino formal, aquele transmitido na escola, por meio de planejamento e organização de aulas. A arte não é uma forma de ganhar ou preencher o tempo que sobrou da aula sem planejamento, mas sim uma forma de instigar a formação do cidadão crítico e participante na sociedade, abrindo-lhe os olhos. “Conhecendo a arte de outras culturas, o aluno poderá compreender a relatividade dos valores que estão enraizados nos seus modos de pensar e agir”. (PCN/2001 p. 61)

Nesse sentido, refletimos sobre o que diz Martins (1998, p. 10)

> Ainda é comum, as aulas de arte ser confundida com lazer, terapia, descanso das aulas sérias, o momento para fazer a decoração da escola, as festas, comemorar determinada data cívica, fazer o presente do dia dos pais, pintar o coelho da páscoa e a árvore de natal.

Cada área de conhecimento contribui para a formação humana. A arte é a ressignificação da expressão social coletiva, uma forma de exteriorizar e refletir os passos históricos da sociedade..

Conforme Barbosa (1991), “a arte é um rio cujas águas profundas irrigam a humanidade com um saber outro que não estritamente intelectual, e que diz respeito à interioridade de cada ser”. Ainda, segundo a autora, “uma sociedade só é desenvolvida quando ao lado de uma produção artística de alta qualidade há também uma alta capacidade de entendimento desta produção pelo público”.

Se a arte é importante fora da escola, pois relacionamo-nos com arte o tempo todo, quando organizamos nosso cotidiano vivencial (nossas casa, paredes, entorno sonoro, gestual. Nas ruas, clubes, televisão, rádios, etc....) e de várias maneiras está presente em nossas vidas, cabe à escola democratizá-la, socializando-a, disseminando-a.

Por ser um conhecimento construído pelo homem através dos tempos, a arte é um patrimônio cultural da humanidade e todo ser humano tem direito ao acesso a esse saber. (MARTINS, 1998, p.13).

Na educação, a arte auxilia na formação de um cidadão consciente, crítico e participativo, com capacidade para compreender a realidade em que vive alguém que não faça apenas constatar os acontecimentos, mas também que consiga intervir neles, uma vez que o ser humano não deve ser apenas objeto neutro da história, e sim sujeito ativo.

O presente trabalho tem como objetivo, promover o estudo e a pesquisa sobre o papel da arte na escola e sua importância na construção do cidadão crítico reflexivo e atuante, propiciando ampla discussão por parte dos educadores, além de perceber o educando como agente transformador da sociedade mostrando que o conhecimento em artes é necessário em seu mundo vivencial e faz parte também do desenvolvimento profissional dos cidadãos, delineando caminhos que apontem para que seu conhecimento possibilite abrir horizontes para uma compreensão de mundo na qual, inclusive, a dimensão poética esteja presente.

Proporcionar aos professores um minicurso sobre a importância da arte na formação do individuo com vistas a um repensar sobre o fazer pedagógico,

instigando-os a uma reflexão pedagógica acerca da importância da arte na formação do individuo e sua relevância no currículo escolar, estimulando para uma aprendizagem sensível e significativa no cotidiano dos alunos.

O Projeto de Intervenção Pedagógica na Escola fora desenvolvido na Escola Estadual Dom Carlos Eduardo-Ensino Fundamental, na cidade de Realeza-PR, com docentes do Ensino Fundamental e Médio, e agentes educacionais, tendo como meta levar informação técnica, com propostas teórico-metodológicas, sobre esta importante área de conhecimento, abordando por meio de pesquisas nas diferentes mídias, para que eles também se constituam num referencial de diálogo e desafio na construção do conhecimento por meio da Arte.

Para melhor elucidar a temática abordada, o trabalho de Intervenção Pedagógica se fundamentou por meio de pesquisa bibliográfica, referendada em Ana Mae Barbosa, Paulo Freire, Ricardo Ottoni Vaz Jpiassu, Mirian Celeste Martins, Vigotsky, entre outros e um minicurso, procurando adequar o ensino da Arte às necessidades da prática pedagógica dos docentes.

2 - Proposições teórico-metodológicas do Projeto de Intervenção Pedagógica

Conceituar Arte ainda é um impasse. Educar através da arte também o é. Aquele que a realiza ou estuda tem dela uma concepção, mesmo que informal. A função da arte hoje é também de analisar, criticar e refletir socialmente sobre a realidade humana.

Barbosa (2003) afirma que por meio da Arte é possível desenvolver a percepção e imaginação, aprender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade, que foi analisada.

Fazendo uma análise das manifestações artísticas desenvolvidas pelos homens através da história, conclui-se a dificuldade da arte ser vista apenas como conceito definido, dado a complexidade da arte cujos significados tendem a ser complexos.

No entanto, no pensamento dentro da ideologia capitalista que traz em seu bojo que as coisas úteis são mais importantes que as coisas belas, ou seja: o utilitário antes do sentimento. Neste sentido, país desenvolvido é aquele que atinge níveis de desenvolvimento financeiro, cujos modelos econômicos são insustentáveis.

Um sistema capitalista é responsável por esse desenvolvimento, onde o poder está vinculado à ordem econômica, introduzindo na sociedade uma necessidade de consumir e de se modernizar. A esse respeito Duarte (1988) declara:

> Seria compreensível e mesmo defensível um apelo para que os valores estéticos fossem incluídos em nossos currículos. Ninguém negaria que a beleza tenha sido deles banida de forma espantosamente radical. Por boas razões, é claro. Afinal de contas à sensibilidade artística parece não oferecer contribuição alguma, seja ao desenvolvimento, seja à segurança do país (DUARTE, p.11).

De acordo com as Diretrizes Curriculares de Arte para a Educação Básica (DCE's, 2006), a arte é um processo de humanização. Como criador, o ser humano produz novas maneiras de ver e sentir, que são diferentes em cada momento histórico e em cada cultura. Por isso, é fundamental considerar as determinações econômicas e sociais que interferem nas relações entre os homens, os objetos e os outros homens, para compreender a relatividade do valor estético e as diversas funções que a arte tem cumprido historicamente que se relacionam com o modo de organização da sociedade.

Pela arte, o ser humano se torna consciente da sua existência individual e social; percebe-se e se interroga, e é levado a interpretar o mundo e a si mesmo. A arte ensina a desaprender os princípios das obviedades atribuídas aos objetos e às coisas, é desafiadora, expõe contradições, emoções e os sentidos de suas construções (DCE's, 2006, p.49).

A questão é repensar a educação sob a perspectiva da arte e não incluir a arte na educação. Nesta visão, são pertinentes as afirmações de Rubem Alves (apud Duarte 1988) quando cita:

> A começar pelo fato de que a atividade estética não pode nunca ser considerada como meio. Ela é sempre um fim em si mesmo. E nisto se parece muito com o brinquedo. Interessante que o inglês e o alemão usem um mesmo verbo para se referir ao brinquedo e ao ato de tocar um instrumento: to play, spielen... Que é que o brinquedo produz? Que objeto novo se encontra no fim da concentrada atividade dos músicos e de uma orquestra? Tudo tão diferente da linha de montagem (DUARTE, p.13).

Aqui se justifica a atividade apenas em função daquilo que aparece no fim. No brinquedo e na arte não aparece coisa alguma no fim. Então se pergunta: "Como justificar estas atividades curiosas, inúteis, improdutivas?" É que elas produzem

prazer: “atividades que são um fim em si mesmo”. Não existe em função de coisa alguma a não ser elas mesmas e a alegria que fazem nascer (DUARTE, 1988, p.13).

A educação atual exige que sejamos multifuncionais e não apenas educadores, mas psicólogos, pedagogos, filósofos, sociólogos, psicopedagogos, recreacionistas e muito mais, para que possamos desenvolver as habilidades e a confiança necessárias em nossos educandos, garantindo-lhes sucesso no processo de aprendizagem e na vida.

Aprendizagem que não é alcançada apenas com atividades de arte, usadas como motivação nas aulas cotidianas, mas, atividades elaboradas com o propósito de aperfeiçoar o desenvolvimento do educando, podendo servir para intervir e até mesmo diagnosticar suas habilidades, transmitir valores como responsabilidade, autoconfiança, solidariedade, tolerância, alegria, além de outros fatores formadores da sua personalidade.

O trabalho do professor é de possibilitar o acesso e mediar o sentir e perceber com o conhecimento sobre arte, para que o aluno possa interpretar as obras, transcender aparências e apreender, pela arte, aspectos da realidade humana em sua dimensão singular e social (DCE’s, 2006).

Nessa perspectiva, educar os alunos em arte é possibilitar-lhes um novo olhar, um ouvir mais crítico, um interpretar da realidade além das aparências, com a criação de uma nova realidade, bem como a ampliação das possibilidades de fruição (sentir/perceber) e expressão artística (DCE’s, 2006).

Dessa forma, procuramos atender às exigências da nova Lei de Diretrizes e Bases (LDB 9394/96), que foi inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tendo como finalidade o pleno desenvolvimento dos educandos.

Alguns questionamentos são pertinentes para que observemos com maior precisão “o porquê” do fazer artístico transformando a prática educativa, como por exemplo: Como podemos ter um novo educando insistindo em uma educação reprodutora, repetitiva e sem criatividade? Como fazer com que a escola se torne agradável aos olhos, deixando de ser um mero depósito de educando?

Elucida esta discussão, Peixoto (1988, p.168), quando afirma que “brincar é muito importante porque, enquanto estimula o desenvolvimento intelectual da criança, também ensina os hábitos necessários ao seu crescimento”. Por meio de

ideias novas e um novo jeito de caminhar, focando a interação entre a arte e a prática educativa, isso se concretiza.

Referendados no estudo de Vygotsky (1984), acreditamos que as artes, a brincadeira e o jogo, o lúdico, são ingredientes vitais para uma infância sadia e para um aprendizado significativo, consequentemente, para formação de um adulto saudável. Vygotsky (1984) atribui importante papel ao ato de brincar na constituição do pensamento infantil. Segundo ele, através da brincadeira, a criança reproduz o discurso externo e o internaliza, construindo seu próprio pensamento. De acordo com Vygotsky (1984, p.97):

> A brincadeira cria para as crianças uma "zona de desenvolvimento proximal" que não é outra coisa senão a distância entre o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema, e o nível atual de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema sob a orientação de um adulto ou com a colaboração de um companheiro mais capaz.

A infância é um período de aprendizagem necessária à idade adulta, e é através das artes que a criança abandona o seu mundo de necessidades e constrangimentos e se desenvolve, criando e adaptando uma nova realidade a sua personalidade. É a hora que o fazer artístico se torna uma oportunidade de afirmação do seu “eu”, é quando se torna espontânea, desperta sua criatividade, interage com o seu mundo interior e exterior.

Duarte (1988) afirma que é na arte que o educando desenvolve sua habilidade de subordinar-se a uma regra, mesmo quando um estímulo direto o impele a fazer algo diferente. “Dominar as regras significa dominar seu próprio comportamento, aprendendo a controlá-lo, aprendendo a subordiná-lo a um propósito definido” (DUARTE, 1988, p.17).

Mesmo o ato de criar ocupando um lugar distinto na preferência dos educandos poucos são os espaços na escola para que ocorram. É comum não valorizar estas tarefas, como se não fossem importantes para o desenvolvimento da capacidade de pensar, refletir, abstrair, organizar, realizar, avaliar.

Nesta perspectiva recorremos a Porcher (1982, p.25) que argumenta que a educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética, que caracterizam um modo próprio de ordenar e dar sentido à experiência humana: o aluno desenvolve sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto ao realizar formas artísticas quanto na ação de apreciar e

conhecer as formas produzidas por ele e pelos colegas, pela natureza e nas diferentes culturas.

Uma função igualmente importante que o ensino da arte tem a cumprir diz respeito à dimensão social das manifestações artísticas. A arte de cada cultura revela o modo de perceber, sentir e articular significados e valores que governam os diferentes tipos de relações entre os indivíduos na sociedade. A arte solicita a visão, a escuta e os demais sentidos como portas de entrada para uma compreensão mais significativa das questões sociais. Essa forma de comunicação é rápida e eficaz, pois atinge o interlocutor por meio de uma síntese ausente na explicação dos fatos.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) nos mostram que a arte também está presente na sociedade em profissões que são exercidas nos mais diferentes ramos de atividades. O conhecimento em artes é necessário no mundo do trabalho e faz parte do desenvolvimento profissional dos cidadãos, o conhecimento dela abre horizontes para que o aluno tenha uma compreensão do mundo na qual a dimensão poética esteja presente. A arte ensina que é possível transformar continuamente a existência, que é preciso mudar referências a cada instante, ser moldável. Isso quer dizer que criar e conhecer são processos inseparáveis e a flexibilidade é condição fundamental para aprender.

O ser humano que não conhece arte tem uma experiência de aprendizagem limitada, “escapa-lhe a dimensão do sonho, da força comunicativa dos objetos à sua volta, da sonoridade instigante da poesia, das criações musicais, das cores e formas, dos gestos e luzes que buscam o sentido da vida” (PCN’s, 1997).

Desde o início da história da humanidade a arte sempre esteve presente em praticamente todas as formações culturais. O homem que desenhou um bisão numa caverna pré-histórica teve que aprender de algum modo, seu ofício. E, da mesma maneira, ensinou para alguém o que aprendeu. Assim, o ensino e a aprendizagem da arte fazem parte, de acordo com normas e valores estabelecidos em cada ambiente cultural, do conhecimento que envolve a produção artística em todos os campos. No entanto, a área que trata da educação escolar em artes tem um percurso relativamente recente e coincide com as transformações educacionais que caracterizaram o século XI em várias partes do mundo.

A formação escolar pode e deve contribuir para que os alunos, a partir dessas vivências, aprendam, durante os cursos, novas habilidades e saberes básicos,

significativos e ampliadores de suas sensibilidades e cognições a respeito dessas modalidades artísticas (FONTES, 1999).

O trabalho com a arte na escola tem uma amplitude limitada, mas ainda assim há possibilidades dessa ação educativa ser quantitativa e qualitativamente bem-feita. O compromisso com um projeto educativo que vise resultados qualitativos na escola exige um professor que atue através de uma pedagogia mais realista e mais progressista, que aproxime os estudantes do legado cultural e artístico da humanidade, permitindo, assim, que tenham conhecimento dos aspectos mais significativos de nossa cultura, em suas diversas manifestações.

Sabemos que através da arte o aluno vai adquirir habilidades, valores sociais, histórico-culturais, contando para isso, com professores comprometidos que busquem o conhecimento, desejando formar cidadãos autônomos, críticos, reflexivos e sujeitos ativos na construção do seu próprio conhecimento.

Para a realização de cursos de Arte com qualidade, Libâneo explica.

> Não é suficiente dizer que os alunos precisam dominar os conhecimentos, é necessário dizer como fazê-lo, isto é, investigar objetivos e métodos seguros e eficazes para a assimilação dos conhecimentos. (...) O ensino somente é bem-sucedido quando os objetivos do professor coincidem com os objetivos de estudo do aluno e é praticado tendo em vista o desenvolvimento das suas forças intelectuais. (...) Quando mencionamos que a finalidade do processo de ensino é proporcionar aos alunos os meios para que assimilem ativamente os conhecimentos é porque a natureza do trabalho docente é a mediação da relação cognoscitiva entre o aluno e as matérias de ensino. (LIBÂNEO, apud FUSARI 1993, p.54-55).

Na escola, os objetivos educacionais em arte a serem alcançados referem-se ao aperfeiçoamento de saberes, pelos alunos (com a ajuda dos professores), sobre o fazer e o pensar artístico e estético, bem como sobre a história dos mesmos.

(...) antes de ser preparado para explicar a importância da arte na educação. O professor deverá estar preparado para entender e explicar a função da arte para o indivíduo e a sociedade.

O papel da arte na educação é grandemente afetado pelo modo como o professor e o aluno veem o papel da arte fora da escola (...)

> A arte não tem importância para o homem somente como instrumento para desenvolver sua criatividade, sua percepção etc., mas tem importância em si mesma, como assunto, como objeto de estudos (Barbosa, 1975, pp.90 e 113).

Os conteúdos programáticos em arte devem incluir as noções a respeito da arte produzida pela humanidade, inclusive nos dias de hoje (incluindo artistas, obras, espectadores, comunicação dos mesmos) e a própria autoria artística e estética de cada aluno (em formas visuais, sonoras, verbais, corporais, cênicas, audiovisuais). Isto significa trabalhar com os estudantes o fazer artístico (em desenho, pintura, gravura, modelagem, escultura, música, dança, teatro, vídeo, etc.) sempre articulado e complementado com as vivências e apreciações estéticas da ambiência cultural (BARBOSA, 1978).

Nessa concepção, sequenciar (ou organizar) atividades pedagógicas que ajudem o aluno a aprender a ver, olhar, ouvir, pegar, sentir, comparar os elementos da natureza na sua articulação com as diferentes obras artísticas e estéticas do mundo cultural, contribuindo para o aperfeiçoamento no desenvolvimento do aluno como um todo.

Todas essas ideias aparecem em muitas das propostas para uma educação escolar em arte mais moderna e atualizada. Teóricos como Thomas Munro, Sofia Morozova, Néstor Garcia Canclini, Herbet Read, Edmund Feldman, Vincent Lanier, Ana Mae Barbosa, entre outros, vêm demonstrando a importância da arte para o indivíduo e para a sociedade. Muitos deles chegaram a propor cursos de Arte fundamentados em uma intermediação estética e artística. É o caso de Vincent Lanier (1984), ao enfatizar que o professor de Arte deve assumir, em suas aulas, “um conceito central forte, vinculado a referenciais artísticos, e que a sua principal finalidade deve ser a evolução do domínio dos procedimentos estéticos”. Para repensarmos e realizarmos cursos de Arte na escola, esse autor ainda nos lembra que:

> Evidentemente, cada aluno em particular – criança ou adulto – terá seus próprios interesses estéticos, ponto a partir do qual pode ser levado para um envolvimento mais amplo. Para um, poderá ser a colcha da vovó, para outro, pôster de artistas. Devemos explorar esses interesses pessoais. Entretanto, os currículos são normalmente planejados para grupos e não para indivíduos e, portanto, é importante identificar ou prever aquelas artes populares que podem servir como o denominador comum mais abrangente do interesse da juventude. (...) Contudo, mesmo o mais contemporâneo conteúdo de curso não irá garantir o tipo de crescimento que nossa ideia de “conceito central forte” sugere se não estiver implementado por procedimentos adequados em sala de aula. Se reduzirmos o currículo de Arte ao bordado, produção de filmes ou vídeo-tapes, desenho ou recriação de espaços urbanos, produção de histórias em quadrinhos, em suma, desenvolvendo todas essas atividades de ateliê, de que os professores gostam muito, mesmo incluindo o folclore, a arte popular e a mídia, o mais

> provável é que nossos alunos estarão essencialmente limitados no crescimento que poderíamos provocar neles (LANIER, apud FUSARI 1993, p.6-7).

Esse autor nos lembra de que atividades educativas esparsas e não originárias de conceitos, de ideias artísticas e estéticas, podem concorrer para o desaparecimento do estudo da arte propriamente dito.

"Desenvolvamos a arte à educação em arte", alerta-nos Lanier! Tomando as palavras desse professor, é preciso que "avaliemos", o mais objetivamente possível, tudo aquilo que fazemos na sala de aula e que reordenemos nossa conduta numa direção que trate mais especificamente da aprendizagem em arte do que do desenvolvimento pessoal de qualidades não necessariamente relacionadas com a arte" (Lanier, 1984, p.7). É o conhecimento em arte e sua elaboração que deverá mobilizar quotidianamente o nosso caminhar com a formação estética e artística junto a crianças e jovens na escola.

Encarar a arte como produção de significações que se transforma no tempo e no espaço permite contextualizar a época em que se vive na sua relação com os demais.

A arte é o modo privilegiado de conhecimento e aproximação entre indivíduos de culturas distintas, pois favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças expressas nos produtos artísticos e concepções estéticas, num plano que vai além do discurso verbal: uma criança da cidade, ao observar uma dança indígena, estabelece o contato com o índio que pode revelar mais sobre o valor e a extensão de seu universo do que uma explanação sobre a função do rito nas comunidades indígenas. E vice-versa.

Nessa perspectiva, segundo Gómez (1992), a área de Arte tem uma função importante a cumprir. Ela situa o fazer artístico, como fato e necessidade de humanizar o homem histórico, brasileiro, que conhece suas características tanto particulares, tal como se mostra na criação de uma arte brasileira, quanto universais, tal como se revelam no ponto de encontro entre o fazer artístico dos alunos e o fazer dos artistas de todos os tempos, que sempre inauguram formas de tornar presente o inexplicável.

3 - Projeto de Intervenção Pedagógica

Referendada nesta proposta, em autores como: Ana Mae Barbosa, Paulo Freire, Ricardo Ottoni Vaz Jpiassu, Mirian Celeste Martins, Vigotsky, entre outros, buscou-se demonstrar a importância da arte para o indivíduo e para a sociedade.

Esta prática deu-se por meio de um curso com os professores das escolas da rede estadual de ensino, perfazendo um total de 32 horas, que ocorreu no decorrer do primeiro semestre de 2013, em Realeza-PR.

Por meio desta proposta, procurou-se oferecer aos professores de outras disciplinas, a oportunidade de conhecer a importância da arte, objetivando destacar seu papel na educação, como elemento fundamental na formação do indivíduo, salientando a importante contribuição cultural presente na arte, desde o início as civilizações.

A seguir será descrito as atividades realizadas no decorrer do curso, as quais foram divididas em quatro unidades, sendo cada uma com seus objetivos e atividades específicas.

4 - Como sentimos a arte em nossa volta

Buscou-se nesta proposta instigar os professores à percepção de como a arte faz parte do nosso mundo, realizaram-se as seguintes atividades:

- Questionamento sobre o significado da palavra arte, através de um debate interativo entre os participantes;
- Assistir ao filme “Equilibrium”, onde se observa um contexto futurista acerca do papel da arte, fazendo uma análise sobre o tema (...tudo que desperta qualquer tipo de emoção ou sentimento é terminantemente proibido no mundo de Equilibrium: arte, música, amor...) ;
- Produção artística, expressando o sentimento, a partir de textos individuais entregues aos alunos, acompanhados de material para a execução do trabalho.

5 - A cultura das máscaras na dança da arte

Nesta unidade o objetivo fora perceber com os participantes como se constroem manifestações artísticas nas diferentes culturas fixando dessa forma a importância da interculturalidade, desenvolveram-se as seguintes atividades:

- Pesquisa e debate acerca do uso de máscara em diferentes culturas, onde cada participante escreveu em uma folha suas características pessoais, seus gostos e

suas características psicológicas, para posterior explanação por meio de um jogo dramático;

- Confecção de máscaras utilizando atadura gessada e decoração das máscaras de acordo com as características de cada participante.

6 - Fazendo arte com a as mãos na massa

Nesta etapa foram apresentadas aos participantes as obras da artista brasileira Tarsila do Amaral, aproximando-os da expressão artística, ampliando o universo cultural e o desenvolvimento de suas capacidades desenvolveram-se as atividades:

- Pesquisa sobre obra e história de Tarsila do Amaral, destacando em especial as obras Operários (1933) e A Família (1925);
- Reprodução plástica de um poema de Oswald de Andrade, através da pintura, recorte e colagem, levando em consideração as obras de Tarsila do Amaral;
- Releitura coletiva de uma das obras de Tarsila do Amaral estudadas.

7 - Música, arte da magia à sedução.

Na quarta e última unidade, proporcionou-se compreender a música enquanto expressão humana, artística e cultural, agregadora de valores, significados e características diferenciadas dos distintos meios sociais que a produzem, as atividades desenvolvidas foram:

- Acompanhando o vídeo “Colherim – ritmos brasileiros na dança percussiva das colheres”, o grupo, com um simples par de colheres, criou ritmos, em diferentes estilos musicais brasileiros como o choro, o samba, o baião, entre outros;
- Explorando o corpo como instrumento musical, encontrando sons agudos e graves.

Encerrando as atividades, realizou-se uma viagem rápida pelo mundo da notícia, da música, do cinema, dos vídeos clips, desenhos animados, fotografias, a título de curiosidade, sobre as diferentes formas de expressão artística que involuntariamente nos envolvem e acabam fazendo parte de nós.

8 - Análises dos dados

A atividade com o Grupo de Trabalho em Rede (GTR) possibilitou compartilhar o projeto de intervenção pedagógica, o material didático e a sua

aplicação com um grupo de treze professores da Rede Pública do Estado do Paraná em encontros virtuais.

Nestes encontros estabeleceram-se relações teórico-práticas no ensino da Arte, visando o enriquecimento didático-pedagógico por meio de leituras, reflexões, trocas de ideias e de experiência. A participação dos professores fora bastante significativa para a construção e o direcionamento desta proposta de estudo por meio de análise, críticas e sugestões sobre o tema abordado.

Durante a aplicação do projeto, pode-se perceber o diminuto entendimento de alguns professores acerca da importância da Arte em nossas vidas, considerando-a apenas como mais uma matéria que deve ser aplicada aos educandos.

Quando se fala em arte, na grande maioria das vezes, as pessoas tendem a lembrar dos quadros de grandes pintores, de renomados músicos, ou de alguma peça de teatro, porém, esquecem de que o mundo gira em torno da arte, que desde o princípio da história da humanidade a arte esteve presente através de manifestações culturais e artísticas. As manifestações mais antigas de que se tem notícia, são os desenhos rupestres, há 25.000 anos a.C, isso reforça a ideia de que a primeira forma de expressão de todos os seres humanos foram os desenhos, o registro dos movimentos, seja, a forma mais antiga de arte. Segundo Martins, Picosque e Guerra (1998, p.35) “Antes mesmo de saber escrever, o homem expressou e interpretou o mundo em que vivia pela linguagem da arte.”

Ambas as atividades, Projeto e GTR foram de grande importância para nossa prática como educadora, bem como para todos os colegas professores que participaram conosco e que puderam certificar-se, conforme afirmativa dos mesmos, que a partir da necessidade de expressar seus sentimentos, vontades, desejos, o homem acaba fazendo isso através da arte ao longo dos tempos, seja de que forma for.

Completou-se assim um ciclo de trabalho, longe de ser um final, com uma única certeza, conforme afirma Martins, Picosque e Guerra (1998, p.41). “É na escolha de operar e manejar a linguagem das cores, dos sons, do movimento, dos cheiros, das formas e do corpo humano para fins artístico-estéticos que o homem realiza a alquimia maior de criador: a linguagem da arte”.

9 - Considerações finais

As mais diversas formulações sobre a importância do fazer artístico na formação do ser humano convergem a um ponto comum: a arte é um instrumento poderoso e fundamental na educação das pessoas e contribui de maneira peculiar para sua atuação significativa e pessoal dentro da sociedade. O aprendizado artístico, em suas diferentes modalidades, depende diretamente de desenvolvimento da percepção, além de englobar aspectos de ordem técnica e estética.

Assim, podemos perceber como as diferentes formas de conhecimento que compreendem as chamadas humanidades englobam, entre outros, o ensino da arte e a educação estética.

A escola brasileira atual, quando justifica sua função através da formação do cidadão não só para o trabalho, mas também para viver em sociedade, deveria valorizar mais o ensino das humanidades, visto que sua importância já era discutida desde o século passado. Fica claro também a necessidade do ensino de arte de forma eficiente, significativo e atualizado uma vez que esta é capaz de auxiliar na formação de um ser humano mais reflexivo, sistêmico, operante, transformador, um cidadão enfim, expressivo e que dialoga com seu tempo e seu espaço via canais estético humano-sociais.

Acreditamos, portanto, que um ensino de arte que pretende um maior alcance educacional, ampliando efetivamente o universo de experiências artísticas e estéticas dos nossos alunos, necessita estar alicerçado em uma proposta pedagógica que ultrapasse as posturas tradicionais ainda vigentes e que valorize a diversidade e a pluralidade da arte também em seus aspectos multiculturais, seja através de suas manifestações eruditas ou populares. Repensando a formação e a práxis do arte-educador, julgamos, portanto, necessário aprofundar o compromisso com a qualidade da nossa educação e isto, cremos, somente será possível na construção permanente do caminho, no embate diário, munidos, mesmo que somente com as armas aguçadas da esperança.

Sendo a arte um fenômeno eminentemente humano, através dela damos sentidos e significados ao mundo que nos rodeia, mesmo que estranho e sem sentido, ao poucos, por meio da arte e de suas dimensões simbólicas, ganham poder expressivo de representar ideias através de linguagens particulares, como a literatura, a dança, a música, o teatro, a arquitetura, a fotografia, o desenho, a pintura, entre outras formas expressivas. Deste modo, a arte, vai tornando este

mundo que o humano por vezes o transformou em um lugar de exclusão e morte em um ambiente mais belo e prazeroso de se viver.

Ao constatarmos que a arte está presente em nossas vidas, muitas vezes de maneira sutil, confirmamos a importância da reeducação do olhar, da valorização da arte e sua história para a compreensão do mundo presente.

"**Arte não é apenas básico, mas fundamental na educação de um país que se desenvolve. Arte não é enfeite. Arte é cognição, é profissão, é uma forma diferente da palavra para interpretar o mundo, a realidade, o imaginário, e é conteúdo. Como conteúdo, a arte representa o melhor trabalho do ser humano". ANA MAE BARBOSA**

10 - Referências

BARBOSA, A.M. ***Arte-educação no Brasil. Das origens ao modernismo.*** São Paulo: Perspectiva/Secretaria da Cultura, Ciências e Tecnologias do Estado de São Paulo, 1978.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no Ensino de Arte**: anos oitenta e novos tempos. São Paulo: Perspectiva /Ichope, 1991, 134 p.

BARBOSA, Laura Monte Serrat. PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais***: O papel da escola no século XXI.*** Curitiba: Bella Escola, 2002.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. ***Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.*** Nº 9394. Brasília, 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: **Artes/Secretaria de Educação Fundamental.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

CALLEGARO, T. ***Ensino da arte e cultura de massa: uma proposta pedagógica.*** São Paulo: ECA/USP, 1993 (dissertação de mestrado).

DUARTE, JR. J.F. ***Fundamentos estéticos da educação.*** 2ª Ed. Campinas: Papirus, 1988.

FREIRE, Paulo. ***Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.*** São Paulo: Paz e Terra, 1998.

FUSARI, M.F.R. et al. ***Metodologia do ensino de Arte.*** São Paulo: Cortez, 1993.

GÓMEZ, A.P. ***O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo.*** In: NÓVOA, A. (org). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

JPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **As artes e o desenvolvimento cultural do ser humano**. Educação & Sociedade, ano XX, nº 69, Dezembro/99.

LACOSTE, Jean. ***A Filosofia da Arte***. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LUDKE, Menga, et al. ***Pesquisa em Educação: Abordagem Qualitativa.*** São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa: GUERRA, Maria Terezinha Telles**. Didática do Ensino de Arte** - A língua do mundo. Poetizar fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998, p. 10-13.

PEIXOTO, V. ***Arte-educação: considerações históricas. Educação musical.*** Textos de Apoio, MINC/Funarte, 1988.

PORCHER, Louis. ***Educação Artística – luxo ou necessidade?*** São Paulo: Summus, 1982.

SANTOS, Santa Marli Pires dos. ***O lúdico na formação do educador.*** Petrópolis/RJ: Vozes, 1997.

VIGOSTSKY, L.S. ***A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.*** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOSTSKY, L.S. ***Aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico.*** São Paulo: Scipione, 1993.

VIGOSTSKY, L.S. ***Psicologia da Arte.*** São Paulo: Martins Fontes, 1999.